


Relações sociais e as transformações da Festa de São Benedito da Rua da Barra em Rosário Oeste – Mato Grosso

Gildete Evangelista da Silva


Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Juruá, Mato Grosso

 <https://orcid.org/0000-0003-1679-619X>

E-mail: domgill60@gmail.com

Rosemary Matias


Universidade Anhanguera-UNIDERP, Campo Grande, Mato Grosso do Sul
Bolsista Produtividade em Pesquisa – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

 <https://orcid.org/0000-0002-0154-1015>

E-mail: rosematiasc@gmail.com

Gilberto Luiz Alves

Universidade Anhanguera-UNIDERP, Campo Grande, Mato Grosso do Sul
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul

 <https://orcid.org/0000-0001-9672-1459>

E-mail: gilbertoalves9@uol.com.br

Resumo: Este artigo tem como objeto a Festa de São Benedito da Rua da Barra de Rosário Oeste (MT). Objetiva analisar as mudanças ocorridas na festa, como prática cultural decorrentes das transformações nas relações sociais. O referencial teórico, norteador da análise dos dados empíricos, foi fundamentado nas categorias catolicismo popular e relação social (OLIVEIRA, 1985; QUEIROZ, 1976; ALVES, 2021). Os dados foram levantados a partir de fontes primárias, em entrevistas semiestruturadas com descendentes da família Oliveira, e pessoas que tiveram proximidade e vivência da festa, bem como em documentos. Fontes secundárias foram buscadas em livros, artigos, capítulos de livros, teses e dissertações. A Festa de São Benedito da Rua da Barra é um evento de fé e de devoção, que nasceu na zona rural e na atualidade é uma grandiosa festa urbana, que recebe rosarienses e visitantes de outras cidades do estado de Mato Grosso.

Palavras-chave: Rosário Oeste; Catolicismo Popular; Relações Sociais; Festa de São Benedito; Rua da Barra.

Social relations and the transformations of the Feast of São Benedito da Rua da Barra in Rosário Oeste – Mato Grosso

Abstract: The object of this article is the Feast of São Benedito da Rua da Barra in Rosário Oeste (MT). It aims to analyze the changes that have occurred in the festival, as a cultural practice resulting from changes in social relations. The theoretical framework, which guided the analysis of the empirical data, was based on popular Catholicism and social relations categories (OLIVEIRA, 1985; QUEIROZ, 1976; ALVES, 2021). The data were collected from primary sources, in semi-structured interviews with descendants of the Oliveira family, and people who had proximity and experience of the party, as well as in documents. Secondary

sources were found in books, articles, book chapters, theses and dissertations. The Feast of São Benedito da Rua da Barra is an event of faith and devotion, which was born in the rural area and today is a huge urban festival, which receives pilgrims and visitors from other cities in the state of Mato Grosso.

Keywords: Rosário Oeste; Popular Catholicism; Social Relations; Feast of Saint Benedict; Rua da Barra.

Texto recebido em: 29/09/2022

Texto aprovado em: 10/05/2023

Introdução

O presente artigo tem por objeto a Festa de São Benedito da Rua da Barra em Rosário Oeste (MT), realizada aos sábados de aleluia. A primeira festa aconteceu quando o casal Manoel Cipriano de Oliveira e sua esposa Maria Joaquina de Oliveira, juntamente com familiares, realizaram uma reza para agradecer e pagar uma promessa que haviam feito ao Santo, no começo do século XX, na zona rural. Temerosos com a possível invasão dos índios pareci ao Sítio Pae Caetano, local onde moravam, pediram que o Santo os protegesse. Os índios desviaram a rota e, em agradecimento ao atendimento do pedido, o casal reuniu a comunidade e rezaram ao Santo. Era Sábado de Aleluia, então Dona Maria Joaquina disse aos presentes que a reza deveria ter continuidade pelas gerações da família, sempre aos sábados de aleluia (Dona Izabel¹, 2022).

A pesquisa teve como objetivo analisar as mudanças ocorridas na festa decorrentes das transformações das relações sociais.

O referencial teórico que deu suporte a análise dos dados empíricos foi fundamentado nas categorias catolicismo popular, prática cultural e relações sociais, tendo como suporte teórico obras de Oliveira (1985), Queiroz (1976) e Alves (2021).

Em Rosário Oeste e, também, na baixada cuiabana, acontecem muitas festas religiosas, dedicadas aos santos, que tradicionalmente são chamadas de festa de santo. Algumas são conhecidas por agregar expressivas quantidades de festeiros e devotos, ou de pessoas apenas em busca de diversão. Dentre estas, está a festa de São Benedito da Rua da Barra, que ao expressar singularidade de fé e devoção dos devotos e de suas relações sociais, demonstra características comuns a outras

festas de santos, que acontecem tanto nas comunidades locais, regionais e no país, destacando suas características universais.

Os trabalhos de geração de dados foram realizados no período de outubro de 2021 a março de 2022. Constava no plano de trabalho a utilização de instrumentos de geração de dados como registros fotográficos, observação *in loco*, conversas e entrevistas com pessoas da comunidade local durante a festa, que não puderam ser realizados em decorrência da suspensão da festa em 2022, por causa da pandemia provocada pelo Novo Corona Vírus, Covid-19.² Os festeiros organizadores suspenderam a realização da festividade, para evitar possíveis contaminações, seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), que dentre as medidas de controle para evitar a contaminação pelo vírus, recomendou o afastamento social.

Material e métodos

A metodologia utilizada para levantar dados empíricos sobre a Festa de São Benedito de Rosario Oeste foi lastreada em fontes primárias e secundárias.

347

As fontes primárias foram levantadas por meio de entrevistas semiestruturadas com alguns descendentes da família Oliveira, festeiros e colaboradores nos trabalhos da festa como cozinheiras, auxiliares diversos e assadores de churrasco. Essas entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas.

As entrevistas semiestruturadas foram importantes para o levantamento das mudanças ocorridas na festa, como uma prática cultural dos descendentes da família Oliveira, protagonistas da festividade.

Os trabalhos de levantamento de dados em outras fontes primárias foram alicerçados em documentos e registros fotográficos. Destaca-se a relevância do intitulado “livro da irmandade”, que contém os registros das doações mais importantes para que esta acontecesse a partir de 2014. A Dona Lurdinha³ (2021), informou que existia um livro de registro mais antigo, mas este se encontra desaparecido. Nele havia registros de muitos anos, até acabarem as páginas disponíveis para anotações.

Dados de fontes secundárias foram levantados em livros, revistas, teses e dissertações que abordam catolicismo popular, festa de santo e, especificamente, sobre relações de produção e relações sociais. O material foi recolhido, lido, organizado, analisado e posteriormente interpretado para a construção do relatório da pesquisa.

A revisão de literatura foi atividade significativa na estruturação da pesquisa, pois proporcionou maior conhecimento e embasamento teórico sobre o tema pesquisado. A partir dela foram direcionadas as ações da pesquisa, principalmente na construção do roteiro da entrevista semiestruturada e, depois, como suporte e orientação na análise dos dados.

Relações sociais e as transformações da Festa de São Benedito da Rua da Barra de Rosário Oeste-MT

O catolicismo no Brasil foi implantado desde seu descobrimento por intervenção direta, trazendo missionários para converter e catequizar índios, fundando escolas, criando paróquias e dioceses, fazendo-as funcionar sob o regime do Padroado.⁴ Esse catolicismo popular foi edificado também por colonos portugueses e espanhóis que migraram e estabeleceram no país no século XVII. Isso pode ser comprovado nos nomes de cidades, vilas, rios e acidentes geográficos com nomes de santos e, também, no primeiro nome dado ao país como Terra de Santa Cruz. Logo após o desembarque foi realizada uma missa no território recém-conquistado. Esses símbolos religiosos demonstram, a um só tempo, a ocupação do território e a gratidão aos santos que protegeram os colonizares durante a travessia do oceano (OLIVEIRA, 1985).

O culto aos santos “é apresentado como um dos aspectos mais expressivos do catolicismo luso-brasileiro. Os santos sempre foram encarados como os guardiães dos humanos, pois suas vidas ilibadas davam a garantia de proteção contra todo tipo de iniquidades que existiam na vida terrena” (SANTOS, 2013, p. 141). Os santos “são representantes fundamentais do catolicismo popular. Concebidos como seres pessoais e espirituais, dotados de poderes sobrenaturais sobre o curso da vida e da natureza” (OLIVEIRA, 1985, p. 114). Holanda e Talento (2006, p. 18) afirmam que “cultuar os santos era uma regra sagrada para o

colonizador português, prática sem a qual, acreditava, ficaria difícil ultrapassar as grossas e pesadas portas do paraíso”.

As práticas culturais de veneração nas festas religiosas populares no Brasil, ultrapassaram os tempos e chegaram até os dias atuais. A cultuação e homenagens aos santos são realizadas em todo o país. Dentre os homenageados está São Benedito, um dos poucos santos pretos, cultuado de norte a sul, com expressiva quantidade de devotos.

São Benedito nasceu no dia 31 de março de 1526, numa aldeia denominada São Filadelfo e faleceu em 04 de abril de 1589, na cidade de Palermo na Itália. Seus pais, Cristóvão Monasero e Diana Lecan eram africanos. Foram levados para a Sicília na condição de escravos, e, pediram a Deus que o primeiro filho fosse um varão. O proprietário do casal escravo tomando conhecimento do pedido, prometeu que se isso acontecesse daria a liberdade à criança quando esta nascesse. Assim, São Benedito já se tornou livre desde o seu nascimento. São Benedito foi pastor e lavrador, antes de se recolher a um convento franciscano. Lá foi cozinheiro, mestre dos noviços e Guardião.⁵ A sua beatificação aconteceu só em 1763 e a sagração como santo em 1807 (SANTOS, 2013).

A devoção a São Benedito é uma prática religiosa que começou logo após a sua morte. O culto ao santo teve rápida expansão por causa de expressiva quantidade de religiosos franciscanos espalhadas pelo mundo. Com apenas dez anos após sua morte, os devotos já lhe prestavam culto nos reinos de Portugal e Espanha. Em 1609 também foi criada uma irmandade de São Benedito instituída em Portugal e, no ano seguinte, 1610, sua devoção chegou na Nova Espanha, México, no convento de São Francisco da cidade dos Anjos (PAULA E SILVA, 2002).

No Brasil, o estado da Bahia foi pioneiro na devoção ao Santo, mesmo antes de sua canonização, inclusive com uma irmandade dedicada a ele. Quase simultaneamente, essa devoção foi levada para o estado do Maranhão. Na atualidade, São Benedito tem devotos de norte a sul do país com paróquias, capelas ou simplesmente um altar com sua imagem. Esse fenômeno é explicado pela presença dos franciscanos nas diversas regiões e, também pela alta porcentagem da população negra ou mestiça no país (SOUZA, 1992).

Em relação às festas religiosas, é necessário fazer um pequeno resgate destas, deste a época colonial, para evidenciar o elemento religioso como referência

marcante para o país. No período colonial, encontramos dois tipos de catolicismo diferentes e muitas vezes em oposição: o catolicismo doméstico dos primeiros colonos, dos chefes de família, e o catolicismo mais romano, mais universalista, das ordens religiosas e principalmente dos Jesuítas (BASTIDE, 1951. *Apud.* QUEIROZ, 1976). “Durante esse período, difundiu-se no Brasil um catolicismo popular no qual era estreita a relação, a piedade religiosa e as ‘exterioridades’⁶, especialmente durante as Festas de Santos” (OLIVEIRA; CALVENTE, 2012, p. 84).

Desde a era colonial as rezas, as romarias, as folias e os tríduos realizados durante as festas, como elementos de louvação a Deus e aos santos, eram acompanhados de outros componentes festivos chamados de profanos como bebedeira, jogos e danças promovidos pelos festeiros (MAIA, 2012). Na realização das festas dos santos existiam interferências dos leigos nas funções dos sacerdotes porque, “para angariar dinheiro, os padres nomeavam para Festeiro ou Imperador ‘que pudesse cobrir boa parte das despesas, ou então tivesse aptidão para organizar peditórios’. Era importante arrolar bom número de festeiros ou juizes, homenageados, na festa, com uma parada das folias em frente à sua casa” (HAUCK, 1985, p. 114-115).

Nesse contexto, a igreja lançou mão de processo na tentativa de eliminar as interferências leigas nos seus rituais, principalmente com intenção primordial de suprimir as irmandades. Sob a orientação de bispos reformadores, que propuseram melhor qualificação doutrinárias dos padres - inclusive com a criação de seminários - e a sacralização pastoral, houve o empenho a fim de extinguir as superstições no culto católico e reaver o poder da igreja nas festas (HAUCK, 1985).

Todavia, as tentativas de “reorganização e moralização no seio da Igreja Católica acompanharam sua trajetória histórica enquanto instituição religiosa. Nem sempre foram bem-sucedidas, sobretudo enquanto projeto sistêmico e homogêneo” (SANTOS, 2013, p. 35).

A partir de meados do século XIX, “a alta clerezia ‘ultramontanista’⁷ amparada nas diretrizes da Santa Sé, iniciou uma tentativa de moldar o catolicismo popular aos princípios tridentinos⁸, atingindo, por tabela os ‘vilipêndios, ‘os vícios’, e as ‘superstições’ infiltrados nas festas” (MAIA, 2004, p. 89). Para o autor o combate às exterioridades, caracterizou uma das facetas mais visíveis do processo de romanização⁹ da Igreja.

A romanização da igreja católica no Brasil foi um processo que avançou no final do século XIX, com o fim do padroado, ou, a separação jurídica da Igreja e o Estado com a Proclamação da República no Brasil. Tabraj (1997) defende a romanização como um processo de europeização da vida religiosa, cujo foco principal é a observância dos postulados vindos de Roma, que expressam as ordens sacramentais e litúrgicas. Para esse mister, o Brasil importou congregações e religiosos seculares, para o ensino teológicos e morais ao clero e ao povo.

A reforma católica, assumida por toda a Igreja do Brasil, a partir de meados do século XIX, apoiava-se na romanização. Esta por sua vez traçou dois grandes objetivos em relação à Igreja no Brasil: o primeiro se refere ao âmbito interno da Igreja, visava uma ampla reforma do clero, afastando-o das lides políticas e levá-lo a observância do celibato; o segundo se refere ao âmbito externo, ou seja, uma reforma dos costumes do povo mudando sua fé tipicamente devocional muna expressão religiosa mais sacramental sustentada pelo arcabouço do catolicismo (DIEL, 1996, p. 106).

A romanização para Santos (2013), além de outros objetivos como a reorganização da Igreja católica, tinha como função a promoção e o combate às crenças populares, vistas como superstições do povo e desvios da moral cristã.

Carlos Brandão (1980), em seus escritos *Memória do Sagrado*, fração de seus estudos realizados na cidade paulista de Itapira para sua tese de doutorado, apresenta um novo olhar sobre as festas populares a partir do século XIX, ao destacar que:

Praticamente isolada em uma fronteira de trabalho e de cultura de camponeses, a religião dos caipiras, reunia todos os atributos de um sistema religioso que, nos estudos atuais sobre o assunto, aparece adjetivado como: popular, rural, tradicional, rústicos. Em primeiro lugar, ela não era um aglomerado pitoresco de credices e práticas mágico-religiosas, mas, ao contrário, constituía um sistema coerente e complexo – possivelmente mais do que o próprio catolicismo erudito – de crenças e práticas do sagrado, combinadas com agentes e trocas de serviços. Em segundo lugar, ela não foi uma criação religiosa exclusiva e isolada dentro de uma cultura camponesa, mas, ao contrário, retraduziu para a sociedade caipira dependente, segundo os seus termos, o conhecimento e a prática erudita da religião dominante (BRANDÃO, 1980, p. 23).

A festa de São Benedito da Rua da Barra, como catolicismo popular, sofreu resquícios desse processo de romanização por parte dos Padres Franciscanos, que administram a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário. Uns discordaram sobre a

realização da festa de forma independente, sem a participação da igreja. Outros questionaram a realização da festa, se a paróquia já tinha uma dedicada ao Santo. Além disso, houve questionamentos sobre a realização da festa no Sábado de Aleluia, na Semana Santa, como se pode observar nos relatos de Dona Marjorie:

A chegada dos festeiros na festa era com muitos fogos, como um ritual. Hoje nem tanto, porque a igreja nos critica por ser Sábado de Aleluia. Nós já ouvimos muitas conversas que somos hereges. A gente 'dá uma de João sem braço'¹⁰, porque o calendário da festa para nós é imutável". Eles implicam com a festa. Já fomos muito questionados pelos padres por fazer a festa no Sábado de Aleluia. Por desconhecerem os fatos eles desqualificam nossos costumes e nossa tradição (Dona Marjorie, 2021).¹¹

A mesma reclamação em relação ao dia em que a festa acontece, foi ressaltada por outra entrevistada: "Frei Dionísio esteve na festa. "Ele falou que todos os padres brigam com a gente, não é por causa da festa, mas por ser sábado de aleluia. Que era para a gente mudar a data da festa" (Dona Euraidés, 2022).¹²

Na romanização a igreja expediu normas e regulamentos para que as funções religiosas se tornassem mais adequadas. Proibiu as vendas e as diversões a que chamavam de externalidades. Para isso, determinou que os padres fossem as pessoas exclusivamente competentes para fazer as festas ou as funções religiosas. Simultaneamente, impôs controle rígido nos donativos e esmolas, que não deveriam de forma alguma ser utilizados em divertimentos profanos (MAIA, 2004). Todavia, a Festa de São Benedito da Rua da Barra, não contribui com o dízimo, oferenda que todos os católicos devem doar a igreja, de acordo com as suas possibilidades, como narrou Dona Marjorie (2021).

O que a gente bate muito firme é que a festa não pague dízimo à igreja. Eles cobram de todas as outras festas. Não pagamos dízimo porque aqui tudo é oferecido de graça, comida e bebida. A festa não visa lucro. A única coisa que as pessoas compram é água mineral e cerveja para ajudar nas despesas. Até a pinga tradicional é de graça. Nós nunca pagamos os dízimos porque nós damos de comer à muita gente, mas nós temos as nossas despesas e o povo contribui muito com isso.

Os ataques por parte da igreja católica a determinadas festas religiosas populares, remonta décadas. Em Itapira, no interior de São Paulo em 1910, Brandão (1980) descreveu o ataque do padre local, por meio dos jornais da cidade ou na Paróquia de Nossa Senhora da Penha, à religião popular. As vezes o padre

agia por conta própria ou repetia as regras de controle emanadas do bispo diocesano. As acusações pesavam mais sobre os capelães populares, rezadores e mestres-rituais. O padre redobrava seus ataques a duas situações. A primeira, era quando as atividades populares assumiam formas independentes do saber católico erudito, da presença do vigário e das regras da igreja. A segunda, quando as festas populares de santos ou outros rituais, conseguiam angariar bens como dinheiro, gado, leitões, frangos, e objetos artesanais. A igreja não contestava quando os trabalhos religiosos eram na esfera familiar ou a pequenos grupos rurais. Mas eram taxativamente condenáveis se estes fossem de domínio social ampliado, onde a igreja reconhecia exclusivamente como seu, no campo das relações religiosas.

A Igreja Católica brasileira buscou aproximação com as orientações advindas de Roma. As crenças populares vistas como superstições e desvio da moral cristão deveriam ser evitadas. Em 1910 os Bispos e Arcebispos do Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, Cuiabá e Porto Alegre, realizaram uma pastoral coletiva, publicada em 1911, com o objetivo de regular as festas populares, submetê-las às regras da igreja e modificar as religiosidades populares a rituais mais rígidos (SANTOS, 2013). A Festa de São Benedito da Rua da Barra, também sofreu tentativas de regulação, como descreveu Dona Euraidés (2022):

Já tivemos muitos incômodos com a igreja por conta da festa. Aí esse padre, o Frei Dionísio chegou. Ele queria saber como era a festa. Inclusive fui lá conversar com ele. Depois ele foi, viu a festa. Tinham os padres anteriores que queriam proibir a festa. Ele falou que não iria implicar, porque ali não era uma festa de angariar lucros.

As relações da festa de São Benedito da Rua da Barra com a Igreja são poucas. Os padres não participam do evento e, quando muito aparecem como convidados sem qualquer função nas atividades festivas. “Nas festas há também desafios e danças populares. É raro que sejam tais comemorações dirigidas por um padre; os padres foram sempre poucos numerosos no Brasil e os habitantes do meio rural se acostumaram a não contar com eles. O festeiro pode convidar um para participar da festa, porém com convidado” (QUEIROZ, 1976, p. 58).

A festa de São Benedito da Rua da Barra, como catolicismo popular, apresenta duas características distintas de culto na relação social entre o fiel e o santo. A primeira delas refere-se ao modo contratual. Aquele em que “o fiel pede uma graça ao santo, obrigando-se a um ato de culto pelo qual o santo seja

recompensado pela graça alcançada. Sua forma típica é a promessa.” (OLIVEIRA, 1985, p. 117). É o caso do pedido feito pelo casal Manoel Cipriano de Oliveira e Dona Maria Joaquina de Oliveira, que temerosos com a possível invasão dos índios pareci, pediram a São Benedito que os protegessem. Com o pedido atendido, rezaram como recompensa e prometeram que esta deveria ter continuidade pelas gerações da família.

Durante a festa são observadas várias situações de pagamento de promessas. Tem muita gente que faz promessas e vem cumprir. Quando você ver alguém que não é do grupo fazendo trabalhos como lavar louça, rachar lenha etc. ou durante a ladainha com várias velas acesas, estão pagando alguma promessa” (Sr. Joildo, 2021).¹³ Promessas pela cura de doenças é recorrente. A única promessa que a gente vê falar é para a parte de doença (Dona Euraides, 2022). Contudo, ouvimos falar de muitas promessas. A Joana Preta é uma das que fala da promessa que fez e foi atendida. Há outro senhor lá do sítio Cedral, que fez uma promessa, recebeu a graça e estava dando a metade de um boi para o pagamento da promessa ao Santo (Marjorie, 2021).

A outra característica do modo da relação entre o Santo e o devoto é o modo aliança. O que se espera não é uma graça, mas a relação permanente de proteção e devoção ao Santo. O fiel torna-se devoto do Santo e espera que este seja seu protetor celeste. O devoto cultua o Santo para agradá-lo, não para pedir favores ou pagar promessas. Os atos de culto ao Santo no modo aliança são regulares e periódicos. “A gente passou a ter devoção a São Benedito por causa das pessoas mais velhas. Como ele nos protege, então nós rezamos sempre para agradar ele” (Dona Valdirene, 2022).¹⁴ Outra marca da festa é a devoção cultural, como se pode ler nos depoimentos: “nascemos e criamos nessa devoção a São Benedito. Fazemos a festa, rezamos a ele. Ele nos protege sempre” (Dona Marjorie, 2021). São Benedito auxilia e protege. Ele é o protetor da nossa família Oliveira. Fazemos a festa em sua honra e, também rezamos para ele” (Sr. Joildo (2021).

O culto aos santos “repousa sobre um conjunto de representações e práticas pelas quais a coletividade presta o culto – individual ou coletivo – aos seus santos padroeiros. O culto dos santos está, pois, revestido de uma obrigação moral – de gratidão dos homens para com seus protetores e aliados celestes” (OLIVEIRA, 1985, p. 122). Desta feita, boa parte das relações entre o fiel e o sujeito sagrado e a divindade, santo padroeiro, santos específicos, almas de mortos, objetos de devoção

eram conduzidas por meio de trocas simples entre a pessoa e o Santo. Rezas pessoais, fórmulas de pedidos ou de evitação, obrigações cerimoniais, promessas etc. são exemplos disso (BRANDÃO, 1980).

A relação entre São Benedito da Rua da Barra e os devotos festeiros, pode ser vista como uma relação padrinho-afilhado, que para Queiroz (1973) exprime a forma de ligação entre o Santo e seu devoto. O afilhado deve visitar com regularidade seu padrinho e, pedir-lhe a benção. O devoto deve cultuar seu padrinho santo com o oferecimento de rezas, novenas e velas etc. Em contrapartida, o afilhado espera do padrinho auxílios quando necessário, principalmente nos momentos difíceis. Essa reciprocidade domina as relações entre os fiéis e o Santo.

As práticas religiosas da Festa de São Benedito da Rua da Barra de Rosário Oeste, como catolicismo popular, envolvem relações sociais entre os sujeitos para sua realização. Todavia, é relevante lembrar que as representações e práticas sociais do catolicismo popular da festa atual, não guardam mais todos os traços do seu começo há mais de cem anos no sítio Pae Caetano. Do mesmo modo, muitas representações e práticas que se conservaram através dos tempos, pode ser que não tenham as mesmas funções e significados que tinham no passado. Isso se deve às grandes transformações das relações sociais ocorridas desde a realização da primeira festa, até os dias atuais.

É imperioso, nesse sentido, evidenciar que as relações sociais sofrem transformações ao longo dos tempos, decorrentes das diferentes formas de produção que se apresentam aos homens vivendo em sociedade. “Os produtos culturais do passado só ganham inteligibilidade quando referidos aos seus respectivos modos de produção” (ALVES, 2021, p. 27).

Os primeiros festeiros, Sr. Manoel Cipriano de Oliveira e Dona Maria Joaquina de Oliveira, moravam na zona rural, como pequenos proprietários e produziam quase tudo que necessitavam para sobreviver, juntamente com sua prole. Consequentemente, também tinham que produzir quase tudo para fazer a festa, como afirmou uma entrevistada:

Antigamente era assim para fazer a festa. Tinha uma semana inteira para fazer a farinha. Da massa da farinha já tirava o polvilho. Tinha que quebrar o milho e pôr na água, socar e tirar o fubá. Daí fazia o biscoito de fubá de milho com polvilho. Outra semana era para cortar cana e moer, fazer melado para fazer os doces. Então, tinha essa trabalhadeira toda. Era um mês inteiro de luta. Daí, uma semana

antes que entrava a semana santa era para socar o arroz para festa (Dona Euraidés, 2022).

As produções nestes locais, na contemporaneidade, de acordo com Queiroz (1976), são voltadas ao capital, direcionadas para o mercado e para obtenção do lucro. O camponês há alguns anos atrás, consumia seus próprios bens produzidos, comprando poucas mercadorias. Na atualidade, veem-se compelidos a comprar e quase tudo que necessitam consumir.

Na região do sítio Pae Caetano, local de residência dos primeiros festeiros, a atividade econômica principal é a pequena pecuária, com poucas produções de grãos e outros alimentos. As atividades do campesinato, encontram-se em franca via de desaparecimento. Os pequenos sítiantes, por diversos motivos de acesso e permanência, vendem suas terras e migram para as cidades.

Esse processo de êxodo, desigual e excludente, foi bastante acentuado a partir da década de 1970, no Estado de Mato Grosso, para a implantação do agronegócio, que desestimulou a agricultura familiar e contribuiu para a expansão do trabalho assalariado nas cidades. A população que habitava a zona do rural era desqualificada para o trabalho urbano, exigindo a necessidade de adaptação e de reorganização da relação de trabalho e de produção (SILVA, 2017).

A dissolução econômica da pequena propriedade rural nessas regiões, por força da integração ao mercado, fez com que se dissolvessem, também, todas as práticas culturais. Pela venda, as pequenas propriedades passaram por um processo de concentração, que esteve na origem do florescimento de fazendas devotadas à pecuária ou a monoculturas (ALVES, 2021, p. 32).

Grande parte dos descendentes do Sr. Manoel Cipriano de Oliveira e Dona Maria Joaquina de Oliveira, não deram continuidade às atividades no campo. Moram em variadas cidades do Mato Grosso e em outros estados do Brasil. Possuem ocupações diversas como profissionais no comércio, professores, funcionários públicos municipais, estaduais e federais, advogados, engenheiros etc. Essa evidência dá sentido e explica as transformações nas relações sociais da festa, decorrentes das modificações nas relações de produção e trabalho dos descendentes. A socialização e as interações estabelecidas entre a família festeira e, desta com a comunidade, possuem conotações e significados próprios das atividades laborais que estes exercem na atualidade.

Os produtos culturais enquanto registros conservados no presente, não deixam de ser, ao mesmo tempo, fragmentos de formas descarnadas, pois já não podem ser recuperadas as relações sociais que lhe deram origem, produziram suas funções primeiras e lastrearam o seu apogeu (ALVES, 2021, p. 27).

As transformações nas forças produtivas - combinação da força de trabalho com os meios de produção (tecnologias, ferramentas, máquinas, conhecimentos etc.) são movimentos. O desenvolvimento da sociedade, como as diversas formas de movimento, obedece a determinadas leis. A sociedade não é formada unicamente pelos indivíduos, mas por relações que os conectam entre si. Dessa forma, o desenvolvimento da sociedade consiste no movimento e na mudança dessa teia de relações (MARX, 1977). “Tudo o que existe, tudo o que vive sobre a terra ou na água, só existe por intermédio de algum movimento. Assim o movimento da história gera as relações sociais” (MARX, 1985, p. 104).

As relações sociais que os homens estabelecem entre si, são resultados da apropriação dos meios de produção e das forças produtivas. Para produzir as pessoas estabelecem determinados laços e relações uns com os outros (MARX, 2013). Uma das características relevantes na realização da Festa de São Benedito da Rua da Barra, que a diferencia, é o caráter coletivo de trabalho, não só porque as tarefas são executadas por várias pessoas trabalhando juntas, mas também porque essas pessoas possuem laços de parentesco ou de amizade com a família Oliveira.

A Festa nascida na zona rural, na atualidade é urbana. Para que aconteça anualmente, os festeiros entabulam muitos trabalhos, desde o planejamento e organização até a sua realização na data prevista. Estas ações caracterizam-se como práticas que exigem grandes interações sociais entre os festeiros e colaboradores no bairro. Candido (1977, p. 71) utiliza a palavra bairro com a denotação de “grupamento mais ou menos denso de vizinhança, cujos limites se definem pela participação de moradores nos festejos religiosos locais.” Ainda de acordo com o autor “essas manifestações religiosas podem ser amplas e organizadas, com apoio na capela consagrada a determinado santo ou menos formais promovidos em caráter doméstico” (CANDIDO, 1977, p. 71). Com definição idêntica à de Cândido, Queiroz (1976, p. 53), expressa que o bairro é um:

Grupo de vizinhança aberto, acolhendo todas as famílias que venham a se estabelecer. Nenhum preconceito étnico ou outro

impede a integração, que depende principalmente da participação às festas religiosas e de trabalho coletivo (...). O bairro é sempre reunião de famílias.

As relações sociais mudam e orquestram mudanças significativas nas interações e costumes. Algumas interações continuam aparentemente iguais, desde quando a festa era realizada no sítio como a reciprocidade, solidariedade e ajuda mútua. Todavia, estas na atualidade não possuem os mesmos significados de outrora, porque as necessidades sociais do passado não possibilitam a sua perpetuação através dos tempos. As relações sociais que se fizeram necessárias e exigiram a produção de várias atividades no passado não podem mais ser retornadas. Outras tiveram mudanças significativas no decorrer dos anos. A escolha dos festeiros é uma delas. No começo a festividade era de responsabilidade do casal que fez a promessa. Depois disso, passou à responsabilidade da Dona Bêga e mais tarde da Dona Dudu.

A festa nos dias atuais é realizada sob a responsabilidade de seis famílias. Cinco são do tronco da família Oliveira e uma família vizinha, moradora na Rua da Barra. A realização da festa implica no estabelecimento de relações solidárias e fraternas. Neste sentido, “as famílias demonstram e precisam ter bastante união e ajuda mútua para a realização da festa. São muitas as tarefas a serem executadas” (Sr. Joildo, 2021). As relações solidárias permitem que “as famílias rodiziam para fazer a festa, cada ano a responsabilidade é de uma delas. Tem a família de Tia Dudu, de mamãe, de Tio Aristides, de Tio Chiquinho, de Tia Bega e a família de Elaine que se juntou a nós. Aí completou as seis famílias” (Dona Euraidés, 2022). Assim, a festa continua a acontecer e “cada ano é uma família ou devotos que realizam a festa. Da família são escolhidos os festeiros, que tem a responsabilidade de organizar, coordenar e realizar a festa” (Dona Izabel, 2022).

A família Oliveira para manter a sua coesão realçam suas formas de parentesco, que é peculiar, com diferenciação do que estabelece o código civil Brasileiro.¹⁵ O grau de parentesco na família é estendido - os filhos dos primos ou primas são acolhidos como sobrinhos.¹⁶ As relações familiares também são expandidas e reforçadas pelo compadrio entre eles, ou com amigos e vizinhos, tanto pelo batismo tradicional na igreja ou nas fogueiras de Santo Antônio, São João ou São Pedro.¹⁷

A instituição do compadrio promove e põe em destaque a relação social de solidariedade, especificamente quando os laços são estendidos além da família aos demais colaboradores. “Os laços de compadrio são estabelecidos pelo batismo, quando os pais oferecem seu filho como afilhado, o padrinho e a madrinha dessa criança tornam-se uma espécie de irmãos dos pais: os laços de compadrio obrigam a ajudar-se mutuamente” (OLIVEIRA, 1985, p. 95). Essa integração social de compadrio pode ser ainda mais ampliada com o estabelecimento de laços de compadrio de fogueira de São João ou São Pedro. “As diversas formas de compadrio permitirão estabelecer laços duráveis com as famílias” (QUEIROZ, 1976, p. 54).

Algumas atividades realizadas demarcam e caracterizam a relação entre os festeiros e, entre estes e os colaboradores da comunidade que contribuem em todas as atividades. Na festa atual é escolhida a família que protagonizará a festa do ano seguinte e, a partir dessa, os cargos honoríficos da festa. “São escolhidos festeiros para os vários cargos como juiz, juíza, rei, rainha, capitão do mastro, alferes de bandeira e, as vezes juizinhos de promessa, cada qual com suas responsabilidades” (Dona Marjorie, 2021).

Essas pessoas ficarão como responsáveis principais por arrecadarem donativos e organizarem a festividade. O rei e a rainha da festa são os papéis mais importantes, inclusive muitas vezes arcam com as despesas extras, caso não haja donativos suficientes para cobrir todas os custos da festa. Mas, na realidade, todos os integrantes da família festeira se sentem corresponsáveis com o andamento da festa, independentemente dos papéis e cargos. “Estes festeiros representam papéis que mantêm relações estreitas com as obrigações rituais, morais e sociais nas festas” (SOUZA, 2017, p. 67).

Os reis são figuras centrais nas festividades do catolicismo popular. Eles são responsáveis em conseguir donativos, mantimentos e têm a responsabilidade de organizar, preparar e realizar a festa. O cargo de rei da festa implica estabelecer alianças, proximidades e responder por obrigações da festa. São eles os primeiros a arcar com os custos quando os donativos não são suficientes para cobri-los. As rainhas auxiliam os reis em todas as obrigações e responsabilidades, acompanham a procissão e o levantamento do mastro. Contribuem financeiramente com os custos da festa quando necessário. Os capitães de mastro têm a tarefa da retirada deste na mata. Na procissão de levantamento do mastro carregam a coroa que será afixada acima da bandeira. O cargo de alferes de bandeira nas festas dos santos da

região é sempre ocupado por uma mulher que enfeita a bandeira e o mastro, carregam-nas e as encaixam no mastro abaixo da coroa. Os reizinhos, juizinhos e juizinhas são funções assumidas por crianças com intento de inseri-las desde cedo nas atividades culturais das festas. (SOUZA, 2017).

A relação entre o capitão de mastro e seus colaboradores na retirada deste na mata é revestido de aspectos solidários e de confiança. O capitão do mastro convida para a empreitada aqueles colaboradores mais próximos, dada a relevância de sentidos de devoção e crença que depositam na escolha, corte da árvore, sua condução à casa da festa e na cerimônia de levantamento do mastro. Para muitos, o levantamento do mastro, juntamente com a reza da ladainha, são os momentos mais importantes da festividade que se inicia com a escolha e retirada do melhor mastro no mato:

Para retirada do mastro, o capitão de mastro reúne os mastreiros companheiros e saem no mato em busca do melhor que podem encontrar. É até engraçado. São em torno de cinco a seis homens, que saem no mato para buscar o mastro. Quando o encontram soltam os primeiros fogos. Então a gente já sabe que o mastro foi encontrado. Depois de derrubada da árvore, eles vêm trazendo o mastro (Dona Lurdinha, 2021).

As representações religiosas “devem ser encaradas como crenças por meio das quais a experiência concreta de um grupo humano é representada como uma experiência dotada de sentido” (OLIVEIRA, 1985, p. 124).

Quando são reivindicadas distintas formas de cultura regional, vale expor os procedimentos usuais entre os seus respectivos ideólogos. Verifica-se que ganham o primeiro plano as descrições dos produtos culturais. São expostos os seus elementos constitutivos, o encadeamento desses elementos, os rituais que articulam instrumentos materiais e aspectos espirituais ou simbólicos, como crenças, as ideias norteadoras, músicas danças. Evidentemente, essas descrições denotam o aspecto empírico do produto cultural tratado. Mas, isso não basta, pois a análise só se torna suficiente se revelar por inteiro o processo material de produção de práticas culturais, com seus instrumentos materiais, com suas ideias e crenças, com suas funções sociais, dando margem à captação de sua dimensão universal (ALVES, 2021, p. 29-30).

A procissão de chegada à festa no sábado de aleluia, ao raiar do dia, é chamada de procissão da alvorada. Os festeiros se reúnem na praça Manoel Loureiro e descem a ladeira da Dona Pequenininha¹⁸ em direção à casa da festa com

alimentos, bolos, doces, licores. Esse ritual é novo e tem acontecido há pouco tempo evidenciando que os costumes estão em movimento e sofrem transformações. Antes, os festeiros desciam a rua individualmente, ou em grupos soltando fogos de artifício. “Hoje em dia a festa já começa as cinco horas da manhã com a procissão que sai da praça. Agora tem uma procissão com andor e tudo. Chegando na festa, reza o terço, tomam tchá co bolo” (Dona Euraidés, 2022). Assim, “a partir do entendimento da festa como manifestação da cultura de um povo, deve-se considerá-la tão dinâmica quanto a própria cultura, modificando-se com o tempo e de acordo com as relações estabelecidas” (CALVENTE, 2004, p. 10).

A festa de São Benedito da Rua da Barra só se realiza com a participação do trabalho de muitas pessoas. É um acontecimento social coletivo. Essa característica de trabalho coletivo já acontecia desde quando ela era realizada no sítio. “Desde o começo lá no sítio tudo começa bem antes. Uns vinte dias para fazer doces, biscoitos, organizar o espaço. Tudo é gratuito e uma coisa importante é que tudo é feito em forma de mutirão. Essa forma de trabalho é um sistema de doação de trabalho em prol do Santo.” (Sr. Joildo, 2021). A festa e o respeito a São Benedito da Rua de Barra, faz parte da vida de muitos moradores de Rosário Oeste e, de certa forma, coopera com a manutenção dos laços de amizade e solidariedade:

É um trabalho de formiguinha porque é uma festa na atualidade muito grande. Na hora que a gente fala assim vamos nos reunir para fazer um trabalho. Qualquer trabalho! É só falar vamos nos reunir tal dia. Vem gente de todas as partes para ajudar. Vem gente até do sítio, vem gente daqui. Eles falam, ah, vou ajudar porque sou devota ou devoto de São Benedito (Dona Marjorie, 2021).

Festas “são acontecimentos sociais de envolvimento parcialmente coletivo, que geralmente observam frequência cíclica e sazonal que produzem uma ruptura da vida social” (BRANDÃO, 2007, p. 28).

Essas rupturas acontecem nos espaços sociais comuns, onde os indivíduos compartilham suas atividades e se relacionam partilhando projetos, interesses e conflitos. A comunidade para Queiroz (1976) é o local de muitas funções e significados, caracterizando como um espaço de reciprocidade e de intermediação de pactos ou conflitos, que permite a tecitura de convivência e integração que gera afeto, conhecimento, participação, lazer, relações de deveres e direitos, mutirões, em que “o sitiante cultiva suas terras em família; conhece, todavia, certas formas de trabalho coletivo, sendo a principal delas o mutirão” (QUEIROZ, 1976, p. 55).

A solidariedade é um dos elementos que caracterizam o trabalho coletivo. Uma das formas mais encontradas é o mutirão que consiste “na reunião de vizinhos convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho (...). Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder as chamadas eventuais dos que o auxiliaram” (CÂNDIDO, 1977, p. 68).

A continuidade da Festa de São Benedito da Rua da Barra de Rosário Oeste tem sido objeto de preocupação entre a os membros mais velhos da família Oliveira. Uma das maiores preocupações tem sido o desinteresse dos mais jovens em aprender e a participar dos rituais da festa, que são passados de geração a geração: “a festa é antiga. Os costumes, a crença e a fé são transmitidas dos mais velhos para os mais novos. As pessoas mais velhas sabem mais do que as mais novas” (Dona Eliza, 2021).¹⁹ Contudo, ao mais velhos reclamam da falta de interesse dos mais jovens: “as violas são construídas de vários tipos de madeira, mas os jovens não interessam em aprender a fazer violas ou de cantar o cururu, não sei porque” (Sr. Damião, 2022).²⁰

A mesma reclamação é observada nas contribuições de outros membros da família Oliveira e festeiros “a maioria dos jovens não estão nem aí em aprender as rezas, que é uma tradição nossa. Tem alguns, mas são poucos” (Dona Marjorie, 2021). Também “na ladainha há a participação de pessoas mais velhas. Os jovens são poucos que participam” (Joildo, 2021). Diante do desinteresse dos jovens, uma festeira adverte que: “falta nós mesmos, a família pegar eles e arrumar na frente para aprender” (Dona Lurdinha, 2021). O não envolvimento dos jovens com a tradição da festa inspira preocupação: “se continuar assim essa tradição vai acabar, precisamos incentivar os jovens a darem continuidade a essa tradição tão bonita” (Dona Marjorie, 2021).

Para Alves (2021, p. 29)

o desaparecimento dos modos de produção do passado fez desaparecer, necessariamente, as relações sociais que deram substância aos instrumentos e às práticas sociais das comunidades. (...) Seus produtos culturais conservados deixaram de realizar as funções que lhes cabiam originalmente.

A festa de São Benedito como prática cultural passa por mudanças e transformações, assim como as relações sociais. O desinteresse dos mais novos em

aprender e dar continuidade às atividades da festa é fator preocupante e deve ser considerado. Os mais novos não veem nela os mesmos significados percebidos pelos mais velhos. Uma palavra recorrente entre os entrevistados é a necessidade da preservação e continuidade da tradição da festa. Todavia, isso não é alvissareiro ou promissor, por que preservá-la seria mantê-la intocável, como ela é hoje. Isso é impossível dado que a festa ao longo dos tempos sofreu diversas transformações e inovações relacionadas as transformações das relações de produção, e, estas não são estanques, mas dinâmicas. Para Alves (2021, p. 29) “se qualquer forma concreta de cultura é histórica, tão passageira quanto a classe social que a produziu, não procedem as postulações sobre a preservação ou conservação de culturas ou práticas culturais superadas pelo tempo”.

A noção de tradição remete, antes de tudo, à ideia de uma posição e de movimento no tempo. A Tradição seria um fato de permanência do passado no presente, uma sobrevivência em obra, o legado ainda vivo de uma época, contudo, de uma época esgotada. Seria algo de antigo, por suposto conservado relativamente sem mudança. A tradição seria o antigo persistindo no novo (LENGLUB, 2013, p. 148).

Nesse sentido, devemos levar em consideração a preocupação de Oliveira (1985, p. 116), sobre preservação das tradições e costumes quando o autor enfatiza que “a tradição oral e a preocupação em seguir estritamente as prescrições rituais estabelecidas pela tradição, preservam as representações e práticas religiosas tradicionais contra inovações.”

Para a continuidade da festa de São Benedito da Rua Barra é necessário buscar alternativas inovadoras, permeadas de atividades que lhe permita o acompanhamento das transformações do mundo. Estas devem possibilitar, a médio e a longo prazos, a sua conservação e continuidade, por meio da exploração de suas práticas culturais, na condição de mercadoria associada ao turismo religioso ou atividades voltadas ao artesanato.

Considerações finais

A festa de São Benedito da Rua da Barra, durante três dias, oportuniza aos devotos uma vida compartilhada, solidária, especial e festiva, por intermédio de

atividades e ações, com características de ingenuidade festiva como procissões, rezas, ladainhas, homenagens ao Santo, promessas, comidas, bebidas, baile etc.

A festa é centenária e teve início nos primeiros anos do século XX, com o casal Sr. Manoel Cipriano de Oliveira e sua esposa Dona Maria Joaquina de Oliveira, que temerosos com a possível invasão dos índios pareci ao Sítio Pae Caetano, pediram que o Santo protegesse às famílias que ali moravam.

A festa do Santo, na atualidade é urbana, realizada na Rua da Barra em Rosário Oeste. Faz parte do catolicismo popular e é desvinculada da Igreja Católica. Os padres franciscanos que administram a paróquia Nossa Senhora do Rosário na cidade, discordam de sua realização de forma independente, sem a participação da igreja, uma vez que a paróquia já realiza uma festa dedicada ao Santo. Eles também questionam por que as datas das festividades são nos Sábados de Aleluia, em plena Semana Santa.

Houve grandes transformações das relações sociais de produção desde a realização da primeira festa até os dias atuais. Os primeiros festeiros, Sr. Manoel Cipriano de Oliveira e Dona Maria Joaquina de Oliveira, moravam na zona rural como pequenos proprietários e produziam quase tudo que necessitavam para sobreviver, juntamente com sua prole. Os seus descendentes moram em cidades e exercem várias categorias profissionais urbanas. Isso dá sentido e explica as transformações nas relações sociais da festa, pois com o passar dos tempos, houve significativas modificações nas relações de produção e trabalho dos descendentes herdeiros da festividade.

Para que a festa aconteça todos os anos, os festeiros necessitam entabular muitos trabalhos. Esses, caracterizam-se como práticas que exigem grandes interações sociais entre os festeiros e colaboradores. Essas interações entre a família festeira e, desta com a comunidade, possuem conotações e significados próprios das atividades laborais que estes exercem na atualidade.

As relações sociais modificam ao sabor das transformações da produção e provocam mudanças nas interações e costumes. Algumas interações são aparentemente iguais, desde quando a festa era rural. Outras, foram visivelmente modificadas, como a chegada dos festeiros à casa da festa, que na atualidade é em procissão e, também na escolha dos responsáveis pela festa, que fica a cargo de seis famílias. Todavia, as representações e as práticas sociais atuais, não guardam mais todos os traços do seu começo e, do mesmo modo, muitas representações e práticas

que se conservaram através dos tempos, pode ser que não tenham as mesmas funções e significados que tinham no passado.

Para manter a coesão da família, os Oliveira estendem os laços de parentesco para maior proximidade entre eles. Os filhos de primos e primas são acolhidos como sobrinhos. Também estreitam as relações por meio do compadrio, tanto pelo batismo tradicional na igreja, como em rituais realizados nas fogueiras de Santo Antônio, São João ou São Pedro.

A falta de interesse dos mais jovens, em aprender e participar dos rituais da festa, é uma das preocupações dos membros mais velhos da família Oliveira. Há preocupação pela preservação e continuidade da tradição da festa. Mas, preservar a festa não é alvissareiro ou promissor. Preservar seria mantê-la intocável, como ela é hoje. Isso não possível. A festa ao longo dos tempos sofreu várias modificações e inovações decorrentes das transformações das relações de produção. Estas são dinâmicas e promovem mudanças significativas nas relações sociais. Seguir estritamente o que as tradições determinam, preservam-nas contra as mudanças e inovações, mas simultaneamente engessam-nas e não permite que acompanhem as mudanças em curso no mundo.

Para a continuidade da festa de São Benedito da Rua Barra é necessário buscar alternativas inovadoras, permeadas de atividades que lhe permita o acompanhamento das transformações do mundo. É necessário promover ajustes às mudanças que possibilitem, a médio e a longo prazos, a sua conservação e continuidade. Conservar significa permitir as transformações necessárias para a sobrevivência da festa, inclusive preocupando-se com sua sustentabilidade e sua existência para as gerações futuras. Uma das possibilidades que se encontra em curso em diferentes partes do mundo é aceitar as práticas culturais como mercadorias, associando-as estritamente ao turismo. Nessa direção, a festa terá a possibilidade de ser conservada e gerar condições para que muitas atividades surjam ao seu redor.

NOTAS

1. Dona Izabel Maria de Oliveira. Professora aposentada. Filha do Sr. Aristides Pedro de Oliveira e bisneta do Sr. Manoel Cipriano de Oliveira e Dona Maria Joaquina de Oliveira.
2. A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Outros sintomas menos comuns e que

podem afetar alguns pacientes são: perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, dores nos músculos ou juntas, diferentes tipos de erupção cutânea, náusea ou vômito, diarreia, calafrios ou tonturas (OPAS, 2020).

3. Lourdezer Oliveira de Souza, funcionária pública lotada na Secretaria de Educação Municipal de Rosário Oeste, filha de Dona Benedita Teodora de Oliveira (Dona Dudu) e bisneta de Manoel Cipriano de Oliveira e Maria Joaquina de Oliveira.
4. Padroado - O direito de padroado foi cedido pelo papa ao rei português com a incumbência de promover a organização da Igreja nas terras 'descobertas', de sorte que foi por meio do Padroado que a expansão do catolicismo no Brasil foi financiada (HOORNAERT, 1982, p. 12).
5. Guardiã de um convento – Superior das comunidades religiosas. Esse cargo nunca havia sido ocupado por um religioso leigo (SOUZA, 1992).
6. Exterioridade – O homem exterior é o homem introduzido em sua rede de relações, em sua vida social, em sua atribuição particular. É o homem em sua existência mundana, é o homem que age, persegue objetivo, realiza uma obra, experimenta satisfação nas criaturas; o homem interior, em compensação, é o homem em sua essência singular de filho de Deus, é o homem na identidade profunda e verdadeira (MALHERBE, 2006, p. 21).
7. Ultramontanismo – Doutrina e política católica que busca em Roma sua principal referência. Esse movimento surgiu na França na primeira metade do século XIX e tem por intuito a defesa do poder e as prerrogativas do Papa em matéria de disciplina e fé (COELHO, 2016, p. 15).
8. Princípios Tridentinos – Princípios emanados do Concílio de Trento realizado de 13 de dezembro de 1545 a 4 de dezembro de 1563 (FISCHER-WOLLPERT, 1991, p. 238).
9. Romanização – Processo político de conquista sob os nomes do sagrado, que resultou em uma progressiva retomada de poder religioso, entre as mãos do clero e em um consequente esvaziamento das organizações de leigos, especialmente as irmandades e confrarias (BRANDÃO, 1980).
10. Dar uma de João sem braço – Expressão regional usada quando se quer fazer de desentendido.
11. Benedita de Oliveira Santos, professora aposentada, filha de Dona Benedita Teodora de Oliveira (Dona Dudu) e bisneta de Manoel Cipriano de Oliveira e Maria Joaquina de Oliveira.
12. Euraides de Oliveira Silva, funcionária pública aposentada, filha de Dona Maria Cristina de Oliveira e bisneta de Manoel Cipriano de Oliveira e Maria Joaquina de Oliveira.
13. Joildo Jovino de Oliveira, professor da Educação Básica da Rede Estadual de Educação do Estado de Mato Grosso, filho do Sr. Benedito Luís de Oliveira e bisneto de Manoel Cipriano de Oliveira e Maria Joaquina de Oliveira.
14. Valdirene Cardoso de Moraes, professora aposentada da Secretaria Estadual de Educação, moradora da Rua da Barra e colaboradora nas atividades da festa.
15. Grau de parentesco – De acordo com o artigo 1591 do código Civil Brasileiro os tios e sobrinhos são parentes em linha colateral em terceiro grau. Os primos são parentes em quarto grau, os filhos destes não são considerados parentes colaterais ou transversais.
16. Essa forma de estendimento do parentesco não é incomum em algumas famílias da baixada cuiabana.
17. Compadrio de Fogueira é uma forma de ampliar laços de compadrio além do batismo na igreja, por meio de um ritual simples durante as festas de Santo Antônio, São João ou São Pedro (QUEIROZ, 1976).

- ¹⁸. A ladeira da Dona Pequeninina é o começo da Rua da Barra. Tem esse nome porque Dona Adiles Ramos Tocantins (Dona Pequeninina), tinha a esquerda uma pensão histórica, tendo abrigado inclusive diversas autoridades que se deslocavam para região.
- ¹⁹. Eliza Faustina de Almeida, dona de casa, filha de Dona Abgail Antônia de Oliveira (Dona Bêga), bisneta de Manoel Cipriano de Oliveira e Maria Joaquina de Oliveira.
- ²⁰. Sr. Damião da Rua Nova, cururueiro e artesão.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória da religião de uma cidade do interior*. Rio de Janeiro: ISER, 1980.

BRASIL. *Código de processo civil e normas correlatas*. Brasília: Senado Federal; Secretaria de Editoração e Publicações, 2015.

CALVENTE, Maria Del Carmen Matilde Huertas. *Turismo e excursionismo rural: potencialidades, regulação e impactos*. Londrina: Humanidades, 2004.

CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do rio bonito*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

COELHO, Tatiana Costa. *Discursos ultramontanos no Brasil do século XIX: os bispados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro*. Niterói, 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense.

DIEL, Paulo Fernando. A reforma católica e o catolicismo popular caboclo no oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná (1903-1958). *Revista de Cultura Teológica*, n. 15, 1996.

FISCHER-WOLLPERT, Rudolf. *Os Papas e o papado*. 5. ed. São Paulo: Vozes, 1999.

HAUCK, João Fagundes. A igreja na emancipação. In: HAUCK, João Fagundes et al. *História da igreja no Brasil - segunda época: a igreja no Brasil no século XIX*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

HOLLANDA, Helenita; TALENTO, Biaggio. *Basílicas e capelinhas: história, arte e arquitetura de 42 igrejas de Salvador*. Salvador, 2006.

HOORNAERT, Eduardo. *A igreja no Brasil-colônia (1550-1800)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LENGLUB, Gérard. A tradição não é mais o que era... sobre as noções de tradição e de sociedade. *Revista História, Histórias*, v. 1, n. 1, 2013.

MAIA, Carlos Eduardo S. Vox Populi vox dei: a romanização e as reformas das “Festas de Santo” (implicações nas práticas espaciais das festas do Divino Espírito Santo e do Divino Pai Eterno de Goiás). *Espaço e Cultura*, n. 17-18, p. 89-106, 2004.

MALHERBE, Jean. *Sofrer Deus: a pregação de Mestre Eckhart*. Aparecida (SP): Santuário, 2006.

MARX, Karl. Elementos fundamentales para la crítica de la economía política. *Borrador*. 9. ed. México: Siglo XXI, 1977. v.1, p. 204-205.

MARX, Karl. *Miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1985.

MARX, Karl. *O capital: livro 1 – o processo de produção do capital*. São Paulo: Bomtempo, 2013.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de Oliveira. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Alini Nunes de; CALVENTE, Maria Del Carmen Matilde Huertas. As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. *Revista Interações*, v. 13, n. 1, p. 81-92, 2012.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE (OPAS). Folha informativa sobre COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20a%20COVID,na%20Rep%C3%ABlica%20Popular%20da%20China>.

PAULA E SILVA, Dom Francisco de. *Vida de São Benedito, o preto*. Machado (MG): Gráfica Editora Folha Machadense, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1976.

SANTOS, Claudfranklin, Monteiro. *A festa de São Benedito em Lagarto-SE (1771-1913): limites e contradições da romanização*. Recife, 2013. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco.

SILVA, Gildete Evangelista da. *Assentamento Vale do Arinos e a luta pela terra em Mato Grosso*. Campo Grande, 2017. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional) – Universidade Anhanguera-Uniderp.

SOUZA, Alessandra Aparecida Jorge. *Nada melhor do que trazer o santo pra casa*. Cuiabá, 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Mato Grosso.

368

SOUZA, Aloísio Teixeira. *Vida de São Benedito*. Aparecida: Santuário, 1992.

TABRAJ, Marcelo Barzola. A romanização da Igreja no Brasil. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”. 4., Campinas, 1997. *Anais...* Organização de José Claudinei Lomardi, Dermival Saviani e José Luís Sanfelce. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminário4/trabalhos.htm.

Gildete Evangelista da Silva é Professor Adjunto na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) na área de Finanças e Orçamento. Doutor e Pós-Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela Universidade Anhanguera / Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP) de Campo Grande. Mestre em Administração pela Faculdade Campos Elíseos de São Paulo. Graduado em Administração pela Universidade Vale do Araguaia (UNIVAR) de Barra do Garças, no Mato Grosso.

Rosemary Matias é Professora Adjunta na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional na Universidade Anhanguera / Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP) de Campo Grande. Mestre e Doutora em Química pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Paraná. Graduada em Licenciatura Plena em Química pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – nível PQ-2.

Gilberto Luiz Alves é Professor Titular aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Universidade Anhanguera / Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP) de Campo Grande. Doutor e Pós-Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

Como citar:

SILVA, Gildete Evangelista da; MATIAS, Rosemary; ALVES, Gilberto Luiz. Relações sociais e as transformações da Festa de São Benedito da Rua da Barra em Rosário Oeste – Mato Grosso. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 19, n. 1, p. 345-369, jan./jun. 2023. Disponível em: pem.assis.unesp.br.